



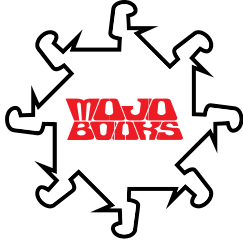
tom waits **BONE MACHINE** recontado por JAY URDÁNIGO



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

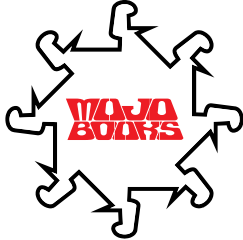


VOLUME 28

BONE MACHINE

tom waits

recontado por **JAY URDÁNIGO**



VOLUME 28

BONE MACHINE
tom waits

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

tradução **Danilo Corci**

revisão **Camila Werner**

Junho de 2007

—




It's harder to get rid of than tattoos

Tom Waits, *Bone Machine*

BONE MACHINE

JUST DIRT IN THE GROUND



Escrever foi meu escape mental para o buraco em que vivia. Não é o melhor que já fiz — não falarei picas sobre isso —, mas me serve e isso já é algo. Quando meu padrasto batia em minha mãe, a única coisa que poderia fazer era escrever. Num caderno escolar, apontava uma a uma todas as formas de assassiná-lo. Eram assassinatos singelos, precários. Destroçar-lhe o crânio a marteladas. Arrancar o cérebro pelos buracos dos olhos com um garfo. Picá-lo a machadadas no banho...

Tenho certeza de que escrever evitou o pior.

Os evangélicos batiam na porta de casa com seus livrinhos e suas revistinhas Atalaya, tentando me salvar do inferno. Eu colocava minha cabeça pela janela e gritava “fora daqui, esta casa é do demônio”. Suponho que uma infância difícil possa ser útil para um poeta. Mas os poetas morrem rápido e o planeta continua se enchendo de imundices. Só se agarre a sua própria jangada de merda e se torne o porco agourento do seu destino.

Vendo *Married with Children*, esse seriado ianque, na TV nacional, me dei conta de que as coisas iam mal. Supunha que

eles eram uma família de merda, mas era mil vezes melhor do que a minha. Os noticiários eram um acumulado de tragédias de diversas dimensões e minha casa parecia ser um receptáculo das mais estúpidas e repetitivas.

Completaria dezenove anos em um mês, então compreendi que era hora de mudar. Deixar pra trás todo esse turbilhão asqueroso.

— Vai embora logo — disse o corno do meu padrasto na tarde em que fiz a mala. Minha mãe estava sentada na mesa, chorando por seu filho, sem poder dizer uma palavra que demonstrasse abatimento. O corno terminaria por golpeá-la por qualquer motivo. Às escondidas, pedi que viesse comigo, mas não havia mulher mais absurda que minha mãe.

— Meu dever é estar aqui com meu marido — disse. — Ele cuidou de nós quando seu pai morreu, devo ser agradecida.

— Ele é um maldito dum filho-da-puta, mamãe, não tem nada que agradecer.

— Não, filho, não fale assim, não é como você pensa. Ele quer o nosso bem. Mas o estresse o deixa de mal humor e isso é tudo, você tem que compreender.

Não conseguiria fazê-la mudar de opinião. Sentia por ela, gostaria de tirá-la dali.



Estávamos os três no meio da sala. Coloquei minha mochila sobre os ombros.

— Adeus, mamãe — disse — Te ligo quando der.

— Adeus, filho, se cuida.

Ao abrir a porta, o corno gritou da poltrona.

— Que vá bem, agora vai saber o que é a vida, será um homem.

Não olhei pra trás, saí e fechei pra sempre a porta dessa cloaca chamada lar.. Mas as coisas não mudaram. Comprei muitos discos, fui ao cinema e li uma pilha enorme de livros. Continuei escrevendo, melhorei consideravelmente; dividia muito bem os parágrafos. Conheci uma garota chamada Zoe. Pensei, de verdade, que as coisas melhorariam; vimos muitos pores-do-sol diante do mar, escutamos vários discos juntos. Inúmeras vezes senti tremer a terra quando trepávamos, mas as coisas não mudaram. Eu não posso dizer que eram ruins, simplesmente se tratava da imundice sobre a Terra.



UM POUCO DE CHUVA NUNCA RESOLVEU NADA

Discuti com minha garota e ela se mandou para longe. As mulheres só se refugiam na casa da mãe quando têm problemas. Sua mãe estava morta, mas ela tinha uma irmã e, no caso, era pra lá que iria. Quatrocentos quilômetros de distância entre seu corpo morno e o meu.

Os dias eram como rajadas de metralhadora. Rompiam toda a sombra dos quartos esfumaçados da cidade. Mas o calor não é tão ruim quando há uma garrafa de cerveja gelada pela metade. E uma menina chamada Rose.

Rose trabalhava no Bone Machine, um bar de música ao vivo. Não era nem ruim nem bom, mas para caras como eu, não se trata de bares bons ou ruins e sim das pessoas que se conhecem neles. O dono era um cara grande e vermelho, como a polpa de uma melancia, mas com certa doçura. Chamava-se Joe e fazia quinze anos que havia chegado a Los Angeles.

— O que há, Joe? — perguntei.

— Não muito, um cafajeste estridente no piano e um montão de putas sem ter o que fazer. O que vai tomar?



— Uma cerveja bem gelada, claro. Cadê a Rose?

Continuei bebendo a cerveja e ouvindo a música horrível que vinha do ambiente. Um cara com jeito de ratazana martelava um piano com se fosse uma mulher doente. Até que mãos me taparam os olhos. Eram dedos compridos, finos e suaves. “Por onde você andou?”, disse com voz amena.

— E aí, Rose. Tava te esperando.

Sentou-se no banquinho ao meu lado direito e tomou um gole do meu copo. Logo me deu um beijo com sabor de cerveja e saliva.

— Como vai a vida? — perguntei.

— Não tão bem quanto a sua.

— Minha garota me abandonou.

— Sinto muito — disse — Você deve ter feito algo muito ruim.

— Sim... Falei mal da sua sopa.

— Nunca fale mal da sopa da garota que te ama.

— É mais grave, acho que ela não gosta mais de mim.

— Viu ela com outro?

— Não, mas provavelmente na cidade onde a irmã dela mora tem caras fortes e com bons dentes de quem ela vai gostar.

— Aqui há caras fortes e com bons dentes.



— Sim, mas são ratos da cidade, ela pode perceber, não são o tipo dela.

— Pra mim você é um rato da cidade e era o tipo dela, ou pelo menos foi.

— Mas com coração rasgado e provinciano.

— Oh, Danny *boy*, melhor pedir uma dose de uísque.

— Se você achar melhor, fugimos daqui e fazemos nossa festa particular.

— É uma tentação lamber suas feridas, mas hoje não dá, meu namorado está tocando piano e a única festa que penso em ir já está com a lista completa.

— Que sorte tem o cara de ratazana.

— Sorte minha também. É um homem muito sensível, um artista.

Pra mim, ele parecia um bêbado qualquer com cara de maluco. Com todo respeito à sorte, pois a putinha tem diferentes caras. E diferentes odores. Na noite em que conheci a Zoe, por exemplo, a sorte cheirava a vodca. Assim, é aceitável que a sorte também possa ter cara de roedor.

— Joe, traz dois uísques — gritei.

— Melhor — disse Rose — a cerveja empapuca.

Tomamos os uísques escutando a voz de guincho do seu



namorado roedor. Era uma música que falava de uma mulher com olho de vidro e de um marinheiro *gay*. Indiscutivelmente se tratava de um romance especial temperado por uma música lenta e viscosa.

— Hora de ir. Tem certeza que não quer vir? — perguntei.

— Outro dia, campeão.

— Como queira, pequena.

Passei pelas mesas até chegar à saída. Na porta acendi um Lark. Então senti a nauseante mistura de cerveja e uísque. O fundo de meu estômago se revirava lentamente. Caminhei até o beco do lado do bar e vomitei numa lixeira. A chuva começou um minuto depois.

Sentia-me descendo uma escada rolante.



MORRE GRITANDO

Ray me disse que Roco estava morto. Segundo ele, alguém lhe cortou o pescoço. “Eu engoli essa balela”, foram suas palavras.

O enterro foi rápido como havíamos combinado com Susy.

Com Roco morto, não havia nada que me impedisse de consolá-la. Fui a sua casa com uma garrafa de vinho. Toquei a campainha. Susy saiu pra me receber com um roupão de seda que não lhe cobria os joelhos. Por baixo, só uma pequena calcinha.

— Enfim, sós.

— Sim, perfeita sua garrafa de vinho. Vou servir.

Foi à cozinha e trouxe dois copos cheios.

— Por uma vida nova — eu disse.

Tomei o vinho, me aproximei dela e tomei-a em meus braços. Senti seu corpo morno, de músculos firmes. Fixei meus olhos em seus lábios vermelhos e carnudos.

— Você é muito bonita, Susy — disse.

Tentei beijá-la, mas ela resistiu.

— Que foi?

— Só quero mais uma taça.



Jogou mais dois jorros de vinho em minha taça e na sua. E voltou a brindar, a percebi um pouco tensa. Na porta, alguém tocou.

— Está esperando alguém? — perguntei.

— Claro que não.

Ela foi até a porta. Ray em pessoa apareceu com uma pistola nas mãos.

— O que é que está acontecendo? — perguntei.

— Está muito claro, Franky — disse Ray. — Não é o seu dia de sorte.

Susy estava atrás dele, eu via a satisfação nos seus olhos.

— Dois pássaros com um tiro, não é assim, Susy? — eu disse, tentando ganhar tempo — Se livrar do peso do Roco e do idiota do Franky. Mas não podia fazer isso sozinha. Quanto você acha que vai durar, Ray? Ela é uma viúva negra, uma gata no cio, depois que te usar, vai se livrar de você.

— Cala a boca, Franky. Sempre acreditei que você era durão e veja agora, enganado por uma mulher.

— Mata de uma vez — disse Susy.

— Sim, Ray, atira de uma vez.

— Calma, amor. Muito em breve o veneno fará efeito, será fantástico vê-lo agonizar.



— Veneno? Não acho Ray, nunca confiei nessa puta. Se olhar no fundo desse vaso à sua direita, você vai ver que não bebi uma só gota do vinho que ela me serviu.

— Está mentindo, maldito, vi você tomar — disse Susy.

Soltei uma gargalhada. Ray girou o corpo para o vaso. Foram uns breves segundos, mas foram suficientes pra sacar minha arma. Disparei duas vezes, Ray desabou como um saco de excrementos. Susy tentou fugir. A alcancei antes que abrisse a porta. Ela era um trêmulo maço de clemência.

— Sinto muito, Franky. Eu não queria, Ray me obrigou, estava me chantageando com fotos de nosso caso. Queria contar pro Roco.

— Entendo, gata. Ray pode ser muito persuasivo. Vem aqui, não tenha medo.

Quando se aproximou, lhe estapeei a cara com a parte traseira de minha mão.

— Você pensou que poderia me enganar, cadela?

— Desculpe, Franky por favor, não faça nada, tenho o dinheiro do Roco, eu darei pra você, por favor, não me mate.

A vertigem me fez cambalear, a visão ficou confusa. Apertei bem a arma. Minha testa se encheu de suor frio.

— De que adianta agora o dinheiro? — eu disse.



— Que foi, Franky? Você cuspiu o veneno, não?

— Não Susy, claro que não.

Ela tratou de correr e disparei pelas suas costas. Um dos tiros lhe furou a cabeça. Seus cabelos loiros se tornaram uma massa sanguinolenta no chão. Era um desperdício de merda. Garota estúpida.

Ver esse sangue me provocou uma sede louca. Com o pouco de força que me restava, saí e peguei um táxi. O taxista era um careca, com cara de boneco de borracha.

— Para onde vai? — perguntou com voz de bueiro.

— Pra algum lugar onde sirvam um bom uísque.

— Ok, mas, faça-me um favor, nem pense em morrer no meu táxi.



WHO ARE YOU

O disco *Bone Machine*, do Tom Waits, estava tocando no som, enquanto Clara questionava minha participação no relacionamento que tínhamos. Eu estava sofrendo de uma séria dependência da música de Waits, em especial do disco mencionado. Os sons dos tambores tocados com ossos humanos estavam criando a trilha sonora da minha vida.

A cena:

Um quarto com paredes em vermelho e branco, cheio de revistas, livros, discos e pôsteres de bandas e escritores mortos. Duas pessoas. Uma mulher magra, cabelo comprido e liso. Aproximadamente vinte e cinco anos. Veste jeans e uma blusa preta sem mangas, com uma boca grande estilo Mick Jagger estampada na altura dos peitos. Parece com a Evan Rachel Wood, atriz que trabalhou com Edward Norton em Vale Proibido, mas com cabelos negros. O homem é alto, está sem camisa, veste uma Levi's ordinária. Cabelo curto e despenteado. Aproximadamente vinte e oito anos, os que o conhecem dizem que parece o Jim Morrison. Discutem.



EVAN WOOD: Você é raso, só se interessa pelo sexo... Já não presta mais atenção em mim, não se importa como estou e com o que quero.

JIM MORRISON: Aceito o fardo, mas não me pergunte pelos motivos. Acho que não nos amamos mais.

EVAN WOOD: Agora quer dizer o que eu sinto. Se não te amasse, esta reclamação não faria sentido. Você é um insensível. E acho que sempre foi, e além do mais, um covarde, pretende que eu participe de sua confusão, eu te amo e me dói o que está acontecendo, mas vejo que em você não. Não deixamos de nos amar, você que deixou de me amar. E não é capaz de dizer na minha cara.

JIM MORRISON: Ok, tem razão. Isto não está funcionando há muito tempo, já não te amo, vai, não me importa mais se estamos juntos. Queria ter dito isso antes...

EVAN WOOD: É um covarde maldito. Um viadinho filho-da-puta. Teria me poupado de tanta dor, tanto desprezo. Não sabe o quanto te odeio.

Evan Wood sai da casa batendo a porta.

* * *



Todos sabem, por menos que gostem de cinema e de boa música, que um bom tema dá o peso necessário a uma cena. E os músicos sabem que uma boa montagem de imagens dá contundência a uma canção. Essa mescla fantástica é que faz com que ambientes patéticos ganhem certo valor intrínseco. A canção de nosso videoclipe foi o tema número cinco “Who are You”, do álbum *Bone Machine*. Não foi somente a melodia do nosso rompimento, foi, também, a última melodia que ela escutou.

É curioso que a trilha sonora de minha vida fosse, de alguma maneira, a trilha sonora de sua morte. Agora soa cruel, mas naquele momento me senti satisfeito que aquela cena patética tivesse sido atenuada pela música de Waits.

Se superássemos o que nos vai acontecer, se pudéssemos prever o futuro com segurança, as coisas seriam diferentes.

As testemunhas disseram que Clara se jogou na frente do carro. Caminhava como um zumbi. O motorista não teve tempo de fazer nenhuma manobra. Acertou-a em cheio e a lançou pelos ares. Os ossos de seu crânio e seus pulmões se destroçaram com o impacto da queda. Chamaram a ambulância, mas foi inútil.

Fiquei sabendo dois dias depois, quando me chamaram pra depor. Eu tinha sido o último conhecido a vê-la com vida. As declarações das testemunhas deram brechas para certas perguntas.



— Houve alguma coisa entre vocês que a deixou nervosa?
Pegou você com outra...

Você me entende...

— Entendo — disse.

Ja responder, mas pensei bem. O que diria não tinha nenhum peso, não traria Clara de volta. Ela havia se distraído e ponto. Contar nossa discussão só me colocaria numa situação comprometedora. Menti, não só ao delegado, mas também os pais de Clara.

Logo as coisas tomaram outro rumo. A vida, às vezes, se acomoda como se tratasse de um álbum caseiro de música triste e vertiginosa, ou inofensiva como a música comercial. Enfim, já não importa.

SCREAM

Algo estava errado comigo desde o acidente de trânsito que Liz e eu sofremos. Às vezes, o mundo se apagava ao meu redor e tudo ficava frio. Tratei de esquecer disso com Liz. Saíamos pra uma balada, íamos à praia e ficávamos escutando discos nas barracas, comprávamos filmes *noir* e *western* clássicos. Mas as coisas não estavam funcionando, cada vez mais tudo ficava estranho. Às vezes, no trabalho, meus companheiros me olhavam torto quando perguntava por gente que ninguém tinha visto e que minutos antes eu havia visto nos corredores. Sentia que estava enlouquecendo.

— Frank, Frank, Frank.

— O que... que foi?

— Tá com cabeça na lua, ultimamente está assim o tempo todo.

— E você acha que gritar é um bom jeito de terminar uma trepada...

Tirei meu pau escorrido de sua buceta e me levantei da cama. Não trepávamos na minha casa porque a cama era pequena, e



quase nunca tinha água no banheiro. Fui mijar e quando estava lavando as mãos, levantei os olhos e me deparei com a aparição no espelho. Era um rosto lívido e com pedaços desgarrados de pele, com os mortos nos filme de George A. Romero. Durou apenas alguns segundos, quando levantei o rosto, já não estava mais ali.

Saí do banheiro e sentei na beira da cama com as mãos enfiadas entre as pernas, tremendo. Liz se virou quando me ouviu. Posou sua mão sobre minhas costas, começou a descê-la lentamente e, à medida que descia, ficava gelada. Quando chegou aos meus rins, era um pedaço de gelo que me arrepiou os pêlos. Virei meu corpo e ali estava, outra vez, o rosto cheio de buracos podres, me sorrindo. Não sei o quão forte gritei, mas quando Liz me acordou de súbito, ainda gritava.

— Calma, Frank, calma. É só um pesadelo.

Minha respiração era forte e agitada. Olhei pras paredes, estavam cheias de mofo e uma água suja infiltrava-se através de pequenas fendas.

— O que é isso, Liz? O que têm as paredes?

— É só um pesadelo, meu amor, volte a dormir.

— Não vê o que está acontecendo com as paredes?

— As paredes não têm nada.

A voz de Liz era a mesma. Voltei meus olhos pra ela e seu rosto havia mudado. Estava cheio de buracos podres, de onde saíam lombrigas negras que se estatelavam em suas tetas.

Pulei. O chão era viscoso. Ela me sorria. Apalpei meu rosto e havia algo de diferente. Coloquei as calças rapidamente e fui ao banheiro. O espelho me devolveu uma cara também lívida e com buracos cheios de vermes.

— Vem pra cama, amor — disse a outra voz de Liz.

Contrariando tudo, soltei uma ruidosa gargalhada. E fui pra cama.



MACHINE GUN HATE

Minha primeira referência literária foi Morrison, muito antes de saber que ele sonhava em converter-se num simbolista francês. Jim cantava como um xamã, e Jim foi o xãma da minha adolescência. Escrevi minhas primeiras linhas aos catorze anos, enquanto escutava uma carga absurda de música.

Dizem que dentro das pessoas frágeis há um guerreiro esperando o momento. Nas democracias, a maioria é quem manda, as pessoas, a multidão. Mas há muitas provas de que as pessoas se enganam. Aí está o Bush, esse maldito bastardo genocida. Da minha parte, tenho provas mais pessoais, aí está minha mãe. Ela nunca teve, nem nunca terá um guerreiro interno. Meu pai ainda está na poltrona da sala, vendo televisão e bebendo como um cossaco; suponho que ainda a espanca, esse corno.

Uma noite me embebedei e queimei sua motocicleta.

— Johnny, onde você tá, garoto do demônio? Você queimou minha moto...

Pela primeira vez, uma acusação verdadeira. Nesse dia, bebi a tarde toda num bilhar com meus companheiros do colégio. A

idéia ficou dando voltas em minha cabeça durante vários dias. Quando cheguei do bilhar, peguei a moto em frente à casa, tirei toda a gasolina do tanque e joguei por cima. Depois ateei fogo. Foi a surra que recebi com maior prazer.

* * *

Aos dezoito anos, a revista *Alaridos*, semi-especializada em vários gêneros musicais, me contratou para escrever uma crônica sobre uma banda de *rock* nacional. Houvera um concurso intercolegial de contos e meu texto fora o ganhador. Saiu publicado no suplemento dominical do *Comércio*. Não recebi um centavo, mas o editor da revista o leu. Era um relato com muitas referências musicais. E o editor achou que era o que precisava para sua equipe. Na entrevista, me disse: “Você tem essa coisa urbana e rebelde. Tem o espírito do *rock n’ roll*, garoto”.

Depois de terminar a carreira de jornalista, fui pra capital. O editor me recomendou para o que acreditava ser uma revista de prestígio, dedicada à cultura *pop*. Uma semana após me instalar, já estava trabalhando na *Botas de Campo*. Que me enforcem se não parece o nome de uma fodida revista agrícola. Não me importei, pagavam um salário e as noites dos cronistas eram sagradas.



Ainda me lembro da inocente prova que me fizeram passar os colegas da revista *Botas de Campo* quando me apresentei pela primeira vez na redação. Supunham que ninguém conhecia Tom Waits, pelo menos não um cara do interior. Mas estávamos em 2003 e a Internet reinava por todos os lados. Eles eram ingênuos, não quis pensar o que isso simbolizava. Os infelizes não poderiam saber que estavam falando com o fã número um de Waits.

Tinham um aparelho Sony com uma disqueteira de cds.

— Sabe como se chama e de quem é essa música?

— Claro — disse e acendi um cigarro antes de responder.

— Essa garganta arranhada é do Sr. Tom Waits, e a canção é “I Don’t Wanna Grow Up”. A número catorze do disco *Bone Machine*.

Não disseram nada, em absoluto. A voz de Waits continuou atravessando o ar como uma faca cega.

A piada foi significativa, já que sempre sou colocado à prova e sempre sou visto com suspeitas. Alguém que não deve estar num lugar como este. Como nas velhas classes do jornalismo. Essas tatuagens nos braços, os brincos, os *piercings*, meu perfil não era de um estudante universitário provinciano. Meus trabalhos eram avaliados várias vezes. Tinha de trabalhar sempre e eles não iam me deixar conseguir tão fácil. Estavam com os olhos

abertos, esperando um momento de descuido.

No fim, não é novidade saber que o mundo funciona com estereótipos, uniformes e etiquetas.



FEEL

Jack Daniels não era seu melhor amigo, era só uma boa companhia. Era melhor atravessar as estradas do inferno em boa companhia. Como os velhos *blues* na rádio enquanto cruzava, de noite, a estrada noroeste. Viajando de Tijuana a Enseada. Como os olhos claros de Zoila. Esse formoso demônio californiano. Adorava essa mulher. Seu corpo firme e elástico, e o sorriso que apagava o frio de qualquer deserto.

Naquele verão, Tom vivia num muquifo em Enseada, essa ardente cidade do estado da Baja Califórnia. O costume de ser breve, como se escapasse de um deserto, tinha adquirido em San Diego, onde também pegou chatos e gonorréia, mas isso é outra história.

Uma produtora de Los Angeles estava interessada em gravar sua música. Seu *manager* tinha prometido ligar. Tinha tantas canções inéditas que poderia gravar dois álbuns duplos. Eram retalhos de sua vida. Uma fusão entre *folk* e *jazz* com toques blueseiros. Havia sido um custo compô-las. Foi, de um lado pro outro, abandonando mulheres e tocando em pulgueiros de

idades estranhas. Sentia ter perdido seu lugar na terra e suas canções refletiam isso.

Como sempre, essa temporada lhe trazia a falta algo de efetivo. Mas, segundo ele, tratavam-se de coisas descartáveis, como o pagamento do quarto e certos víveres esgotados. Vinha trabalhando nos navios pesqueiros da baía há um bom tempo. Mas o dinheiro tinha se esfumado, mas não antes de fazer um estoque. Tinha o que precisava, uma grande reserva de garrafas espalhadas pelas gavetas do armário e debaixo da cama. Uma comovente reserva pra um ano inteiro.

Zoila ia e vinha em sua vida como uma onda arrebatadora. Não eram um casal tradicional. Ela era a rainha dos cassinos em Las Vegas, entre imitadores de Elvis e milionários arruinados. Faturava mil dólares em cada encontro. De maneira nenhuma era um preço injustificado. Ela, de verdade, valia. O inconveniente era que seu trabalho a mantinha afastada de Tom por várias semanas. Então ele terminava em bares onde quer que estivesse. Zoila o encontrava dias depois, como um dejetos humano.

Você ouviu gritos na metade da noite, vindos do seu interior. Você se levantou sentindo que o demônio é um animal de oito patas rastejando dentro de sua espinha dorsal. Tremendo como uma folha no vento. Quase se arrastando, você chegou ao banhei-



ro pra vomitar, evitando esvaziar a alma. Não sei você, mas eu tive que beber mais um trago e voltar a me encostar.

Malvaviscos com tequila, empanadas de camarão banhadas em vodca, pescado frito borrifado com vinho branco, sobremesas de chocolate com muito conhaque. Café muito preto com *overdose* de rum. Uísque com gelo, a lua que sai à seis da tarde com generosas medidas de *brandy*. Se lhe fosse possível, comporia canções com álcool. Encheria o violão e o piano com litros e litros de uísque. Cada canção levaria dentro de si sua bebida explícita. Canções com tequila, outras com rum. Muitas com essências de vodca, e outras com aguardente pura. Mas, as melhores eram as que levavam o espírito do uísque. Essa tristeza selvagem dos rios do Mississipi. Ele necessitava dessa força enquanto esperava a chamada que faria com que as coisas mudassem.

A ligação chegou numa segunda-feira, ao meio-dia. Tom estava se recuperando de uma ressaca. A morte nunca é doce e o tom condescendente do manager não fez com que doesse menos. A produtora tinha dado pra trás, não fechou nenhum contrato.

“Não se trata de sua música Tom, é só um negócio. E eles dizem que não lhes convém. Não se preocupe, conseguiremos uma produtora. Continue fazendo o que você sabe e use isso como inspiração.”



“Não se preocupe.” Onde escutou essas palavras antes? “Não se preocupe”, disse seu pai, e nunca mais voltou pra casa. “Não se preocupe”, lhe disseram no exército, mas sabia que se criasse caso seria um homem morto. Os donos dos bares também dizem “não se preocupe” enquanto lhe tratam como um bêbado a mais. Os managers dizem “não se preocupe”, mas querem ficar com a melhor parte dos contratos. Zoila também diz e demora semanas pra voltar.

Lentamente, você percebe que é cada vez mais impossível. O piano é um animal gigante, que te dá pavor. Você o espanca, com força, como se isso servisse de algo. Uma melodia contaminada e confusa, uma chuva incompreensível é o que produz seu estômago de madeira. Então você bebe mais e, quanto mais você bate nas teclas, mais longe você está e o que deveria aparecer se afunda no seu coração doente. Você sente que poderia dar sua alma pra compor uma canção decente, mas sua alma agoniza como um pequeno réptil sob o sol do Vale da Morte. E só faltam mais dois goles para que a garrafa termine, e você sente que é inútil continuar tentando. Você escuta o ruído dos pescadores que vêm com a neblina, é só um murmúrio tênue, o murmúrio do amanhecer.

* * *



Quando Zoila o encontrou inconsciente debaixo do piano, numa poça de vômito, soube que desta vez não haveria retorno. Seu corpo ardia como se estivesse envolto em chamas. Zoila o sustentou em suas pernas até que a caminhonete chegou e o levou ao hospital. Minutos depois, morreu de um colapso hepático.

Numa tarde de chuva em San Diego, num velho estúdio que tinha contratado ele e a banda que o acompanhava pra gravar umas músicas, Tom fez uma mágica versão do clássico do *blues* “See that my grave is kept clean”. Acrescentou umas linhas aos versos e o ritmo de um violão efervescente. Foi o primeiro *single* de seu álbum póstumo *Car Lonely*. Se sustentou nos primeiros postos dos top five mundiais por várias semanas. O disco foi um sucesso de vendas. Tinha o aval do ar maldito de seu autor. Zoila e o manager estavam impressionados; Tom, agora, era parte do *mainstream*.

Os críticos saudaram o álbum como uma obra-prima. Os críticos, como são bonzinhos.

RED BARN

Eram 8:40 da noite. O encontro estava marcado pras 9:30. Eu não tinha a mínima idéia do que iria acontecer. Do que se tratava a fúria do Coxo. O que o tinha impulsionado a querer me bater. Por mais que buscasse em minha memória, não encontrava nada que justificasse seu desejo de brigar comigo. Deixei que o Gordo continuasse a me dar cerveja. Não ia me preocupar com nada. Por volta das nove, Jimmy chegou. Trazia uma mochila pendurada no ombro.

- Tá ficando bêbado, não deveria beber.
- Não tô me embebedando, só estou com sede. O que tem nessa mochila?
- Um revólver.
- Você tá louco.
- O Coxo virá armado, com certeza.
- Não vou brigar. Não tenho nada contra ele.
- Você acha que ele vai deixar por isso mesmo, numa boa?
- Não me interessa o que ele quer, eu não vou brigar.
- Você vai deixar que te espanque?



Não falei nada e virei o resto da cerveja. Me desceu amarga, estava quente.

— Olha, — disse Jimmy, tirando a arma da mochila — está carregada.

Era um revólver nacional, calibre 38, cano longo. Pesava.

— É muito sensível, assim, aperta o gatilho e pronto.

— Tenha cuidado — eu disse.

Jimmy era um obstinado, dos que se agarram a uma história e não largam por mais de uma semana. Além disso, me parecia que tinha problemas mentais. Não era meu amigo. Não o considerava nada meu, nem queria que ele me considerasse nada seu, no entanto, ele grudava em mim. Como mosca à merda ou como um demente ao hospício. Talvez ele mesmo tenha iniciado a briga com o Coxo. Eu, na verdade, estava tão bêbado naquela noite que mal me lembrava estar sentado no balcão.

— Melhor guardar essa coisa — disse.

— Calma, sei usar.

O cano do revólver apontava para o espelho atrás do balcão. O Gordo assistia televisão, um especial das melhores jogadas da Copa América. Não tinha olhos pra mais nada.

— Você quer ou não?



— Já disse que não. Não vou brigar. Muito menos atirar em alguém.

— O Coxo é um filho-da-puta, vai trazer uma.

— Não me interessa, guarde isso.

Às vezes, há estupidezes que ultrapassam o estúpido. Vão além de qualquer limite. E Jimmy superou a si mesmo.

— Você é uma bicha — disse, apontando pra mim. — Nada mais do que uma bicha disfarçada de durão.

Nem o Gordo, nem os caras da mesa se interessavam. Só Jimmy e eu, e a música da velha jukebox.

Não gosto dos filmes de ação. Mas sei que há um fundo musical nas cenas mais importantes. O cano preto dessa pistola em meu rosto me fez pensar num filme de ação. A música me fez pensar num filme de ação. Mas ninguém garantia que seria um bom filme de ação, com o cara da *jukebox* que parecia estar cantando de dentro do esgoto.

— Bicha, bicha — repetia Jimmy, enquanto me apontava o revólver.

— Por que não pede umas cervejas e me dá uns tragos?

Tentava acalmá-lo.

— Matarei o Coxo, vou te ensinar como se faz.

Era tudo tão absurdo, a música, os caras da mesa e seu rum,



o Gordo hipnotizado pela tevê. E este louco mirando em mim. O pior era que nem sequer me sentia bêbado. A vida costuma ter momentos absurdos. Mas não há momento absurdo quando se está bêbado. Ainda me faltavam pelo menos seis cervejas pra isso.

O frio cano do revólver pressionou a minha bochecha direita. Vi a cara do Jimmy, comecei a me assustar de verdade. Tinha os olhos vermelhos, saltados e a mandíbula apertada. Não entendo porque não me tinha me ligado antes o quão horrível e mentalmente perigosa eram suas feições. Suponho que entram muito desses caras no Granero Rojo. Eu mesmo tinha um rosto de louco perigoso. Mas ninguém antes havia esfregado um revólver na minha cara.

— Você é um frouxo, um covarde.

— Calma — respondi.

Depois vi o movimento do seu dedo no gatilho. Estiquei meu braço o mais rápido que pude, mas o disparo explodiu.

O tempo se deteve. O ruído se deteve. Tudo era silêncio e lentidão. Um profundo silêncio cegante...

Mas não, não estava morto, eu não. Fiquei de pé, pulando da cadeira. A cabeça do Gordo descansava no balcão. O sangue brotava de sua cabeça e se condensava nos pêlos de sua nuca.

As figuras do rum com coca tinham evaporado. Da entrada do bar, Coxo nos observava. E, como se não tivesse visto nada, deu as costas e foi embora. Jimmy e eu saímos logo depois. Teria sido estúpido ficar mais tempo. Cada um foi pro seu lado.

Nunca mais voltei ao Granado Rojo. Não pegaram ninguém pela morte do Gordo. Mas, uns meses depois, eu descobri que tinham prendido Jimmy por roubo à mão armada num supermercado. Agora estava enjaulado. E tinha se transformado na puta de um preto enorme que pagava pena por assassinato.



COM UMA PROMESSA E UM VOTO

A morte de Rita não representou nenhuma mudança drástica em minha vida. Tinha deixado de amá-la, ou nunca a amei. Os sentimentos estão tão supervalorizados. Parece uma idiotice o que escrevo e é, como qualquer presunção pode ser. “Queremos isto, queremos aquilo.” Depois vêm as teorias para justificar e embelezar o que sentimos. Rita se foi da minha vida muito antes de morrer.

Vieram à minha mente situações curiosas no decorrer de seu enterro. A primeira vez que nos vimos e ela usava uma fantasia de palhaço. Sua tia obesa vendo televisão na sala enquanto trepávamos no seu quarto. Uma noite inteira escutando velhos blues e bebendo vodca com limão. Breves acontecimentos que estavam quase apagados da minha memória. E que duraram o tempo que durou seu sepultamento.

O que me fodia era ter ficado sem inspiração. Havia algo que me impedia de escrever decentemente. Meu *laptop* se enchia de textos insignificantes. Inócuos arremedos de novelas, contos inconclusos, poemas lixo. Não poderia garantir se era Rita quem

tinha levado pra tumba minha inspiração, mas alguma maldita coisa tinha a ver. Talvez uma maldição do além-túmulo. Rita sabia que escrever me mantinha à tona. Talvez esteja se vingando por não ter prestado atenção nela. De qualquer forma, teria que me desfazer do se que fora.

Tentei escrever um conto sobre uma morta que voltava do além e o resultado foi asqueroso. Estava jogando foras as putas noites livres que conseguia do trabalho. Me faltava a concentração. Punha música para relaxar, mas só gostava de escutar Waits; e escutando-o, me dava vontade de beber. Então, me servia do que estivesse à mão, e sempre tinha algo à mão. Na metade da madrugada, já estava bêbado. E com o trabalho no dia seguinte, as coisas se complicavam.

Escrevia os artigos pra revista na qual trabalhava com o mínimo de cuidado. Tomava uma série de notas cheias de garanchos e tentava convertê-las em artigos coerentes. Escrevia os piores textos misturando impressões, fantasias e bailes de anfetaminas. E, como era de se esperar, pensava em Hunter S. Thompson e na sua ética de trabalho. Enchia os buracos com estatísticas ou dados históricos, puro recheio de minúcias. Mas ninguém se queixava.

Fiquei assim um par de meses, aos trancos e barrancos, até



que decidi fazer uma coletânea dos contos que tinha escrito em minha adolescência. Os corriji, editei, aumentei, reescrevi e os enviei a uma certa editora que publicava escritores inéditos. Duas semanas depois recebi um *e-mail* do lugar, que dizia estarem interessados em me publicar. Mas pediam que eu me reunisse com uma tal Alice, para concretizar uma proposta. O que consegui entender do *e-mail* era que não se tratava de publicar um livro de contos, mas sim de ampliar um conto em particular.

“Ok” disse a mim mesmo, “vejamos do que se trata”. Respon-di ao *e-mail* positivamente e concordei com o lugar e a hora do encontro.

UMA CANÇÃO SE METE POR DEBAIXO DE SUA PELE

Uma boa canção te transporta. Além do que, as pessoas se movimentam de maneira estranha. Enquanto os fones do iPod fazem dançar seus tímpanos. Uma boa canção não apaga a merda do planeta, a silencia com seu ritmo acelerado, ou triste como o canto de uma baleia. Uma boa canção é tão ou mais eficaz que uma picada de heroína e sem efeitos secundários perniciosos. Abrilhanta o mundo real, e barateia o custo dos dias.

Escutei muitas boas canções com o passar dos anos. Estiveram nos momentos menos esperados. Mas quando cheguei na entrevista com a garota da editora, os fones do iPod emudeceram. Alice era uma mulher linda, simplesmente. Era uma bela e trepidante canção urbana, com pernas como edifícios e olhos de mágicos acordes.

— Sente-se — me disse. — Meu nome é Alice. Nós gostamos muito do seu estilo, são uns contos muito bem trabalhados. A publicação é válida. Mas particularmente nos interessou o que fala sobre esse músico alcoólatra.

— “One Blues”.



— Sim, esse. Achemos que é um texto que poderia ser estendido de maneira considerável para ser publicado como novela. Há uma história incrível aí.

Escutei muitos escritores cacarejarem sobre a ética do trabalho, sobre o respeito à obra e todas essas tolices. Eu comecei a escrever por imitação, tratando de escrever canções para apagar o tempo e a merda que me rodeavam. Nem sequer haviam passado pela minha cabeça esses assuntos de ética e respeito quando rabisquei meus primeiros textos. Mas, claro, depois foi inevitável não sabê-lo. A fama e o dinheiro também faziam parte da escrita. Eu não escrevi contos por dinheiro, mas talvez não tenha tido a oportunidade. Agora, não era dinheiro o que Alice me oferecia, não exatamente. O que me oferecia era a saída do anonimato. E não via nenhum delito em aceitá-la.

— Ok — disse. — Vou reajustar o conto... mas você sai comigo esta noite.

Sorriu.

— Está me chantageando?

— Não, estou chantageando a mim mesmo.



FIM



BONE MACHINE

SOBRE O CANTOR

Thomas Alan Waits nasceu em 1949, na pequena cidade de Pomona, na Califórnia, EUA. Aprendeu a tocar guitarra e piano aos dez anos de idade. Lançou o seu primeiro álbum *Closing Time* em 1973 e começou por fazer a primeira parte de *shows* de Frank Zappa e John Hammond. Talvez por tantas influências assim, sua música não esteja presa a um único gênero musical determinado. Pode-se facilmente encontrar em seus álbuns *rock*, *jazz*, *folk* e experimentações. *Bone Machine* é um dos mais representativos álbuns de sua carreira, onde esta mistura de estilos está presente do começo ao fim, envolvendo o ouvinte de tal maneira, como se estivesse, mesmo, dentro de um livro claustrofóbico do qual não se pode fugir.

CRÉDITOS ORIGINAIS

BONE MACHINE - TOM WAITS

Design e fotografia por Rain Dogs

Lançado em 8 de setembro de 1992

Selo: Island Records

Produzido por Joe Marquez e Tom Waits

Para mais informações sobre o cantor, visite:

www.tomwaits.com

SOBRE O AUTOR

Jay Urdánigo é equatoriano, professor de educação física e *barman* de quinta a sábado. Também é *rock star* fracassado, pintor autodidata e escritor amador. Um tipo qualquer com algum tempo livre e um computador, que aspira escrever, alguma vez, algo que considere decente. Às vezes faz textos baratos e publica em <http://cronicastrash.blogspot.com>. A primeira que vez que escutou *rock n' roll* descobriu que haviam coisas que nenhum professor poderia ensinar. Tinha dezesseis anos, e sem saber tocar nenhum instrumento, formou uma banda chamada Los Sobrinos de Honorio. Nunca saíram na TV, nunca gravaram um disco e foi o melhor que fez em sua adolescência.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

28 BONE MACHINE

TOM WAITS

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. EARTH DIED SCREAMING
2. DIRT IN THE GROUND
3. SUCH A SCREAM
4. ALL STRIPPED DOWN
5. WHO ARE YOU
6. THE OCEAN DOESN'T WANT ME
7. JESUS GONNA BE HERE
8. LITTLE RAIN (FOR CLYDE)
9. IN THE COLOSSEUM
10. GOIN' OUT WEST
11. MURDER IN THE RED BARN
12. BLACK WINGS
13. WHISTLE DOWN THE WIND (FOR TOM JANS)
14. I DON'T WANNA GROW UP
15. LET ME GET UP ON IT
16. THAT FEEL

